



Patrimônio funerário: o cemitério como espaço de musealização e turismo

Funeral heritage: the cemetery as a space for museums and tourism

Patrimonio funerario: el cementerio como espacio museístico y turístico

Diego Felipe Ferreira Morato¹
Simonne Teixeira²

Recebido em: 9 out. 2025
Aceito para publicação em: 9 nov. 2025

Resumo: Visitar cemitérios constitui uma experiência enriquecedora para compreender mais sobre o passado e a cultura de um povo. Nos últimos anos tem crescido o número de cemitérios que oferecem atividades culturais aos visitantes, possibilitando novas formas de apropriação de tais ambientes. Neste artigo elucidamos esses espaços monumentais como lugares de memória e patrimônio cultural. Temos como objetivo analisar a musealização como estratégia de preservação do patrimônio cemiterial, destacando exemplos de necrópoles que atualmente se configuram como pontos turísticos e educativos. A educação patrimonial tem sido utilizada como uma prática democrática de conhecimento e de transformação da realidade, que pode proporcionar uma visão mais crítica e reflexiva sobre o patrimônio presente nos cemitérios, trazendo novos olhares e percepções para esses espaços.

Palavras-chave: patrimônio cemiterial; musealização; educação patrimonial.

¹ Doutorando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). E-mail: felipediego95@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1244-0500>.

² Doutora em História pela Universitat Autònoma de Barcelona. Professora e pesquisadora da Uenf. E-mail: simonne@uenf.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2476-8247>.

Abstract: Visiting a cemetery is an enriching experience for understanding a people's past and culture. In recent years, the number of cemeteries offering cultural activities to visitors has grown, enabling new ways of appropriating cemetery space. In this article, we elucidated monumental cemeteries as places of memory and cultural heritage. We aimed to analyze musealization as a strategy for preserving cemetery heritage, highlighting examples of necropolises that currently serve as tourist and educational attractions. Heritage education has been used as a democratic practice of knowledge and transformation of reality, which can provide a more critical and reflective perspective on the heritage present in cemeteries, bringing new perspectives and perceptions to this space.

Keywords: cemetery heritage; musealization; heritage education.

Resumen: Visitar un cementerio es una experiencia enriquecedora para comprender el pasado y la cultura de un pueblo. En los últimos años, ha aumentado el número de cementerios que ofrecen actividades culturales a los visitantes, lo que ha permitido nuevas formas de apropiación del espacio. En este artículo, elucidamos los cementerios monumentales como lugares de memoria y patrimonio cultural. Nuestro objetivo fue analizar la museización como estrategia para la preservación del patrimonio cementerio, destacando ejemplos de necrópolis que actualmente sirven como atracciones turísticas y educativas. La educación patrimonial se ha utilizado como una práctica democrática de conocimiento y transformación de la realidad, que puede proporcionar una perspectiva más crítica y reflexiva sobre el patrimonio presente en los cementerios, aportando nuevas perspectivas y percepciones a ese espacio.

Palabras clave: patrimonio cementerio; musealización; educación patrimonial.

INTRODUÇÃO

Visitar cemitérios constitui uma experiência enriquecedora para compreender mais sobre o passado e a cultura de um povo. Nos últimos anos tem crescido o número de cemitérios que oferecem atividades culturais aos visitantes, possibilitando novas formas de apropriação do espaço funerário.

Apesar de ainda não ser tão popular no Brasil, a musealização e as atividades de educação patrimonial em cemitérios vêm ganhando maior projeção. Os estudos voltados às necrópoles ainda se configuram como um campo incipiente no país, contudo observa-se um crescimento progressivo das pesquisas direcionadas ao patrimônio presente nos espaços cemiteriais, as quais frequentemente enfatizam o potencial museal desses lugares, ressaltando suas aproximações e convergências com os museus.

No presente artigo buscamos discutir os conceitos teóricos de patrimônio funerário, musealização, turismo cemiterial e educação patrimonial. Temos como objetivo analisar a musealização como estratégia de preservação do patrimônio cemiterial, destacando exemplos de cemitérios que atualmente se configuram como pontos turísticos e educativos.

O senso comum geralmente atribui aos cemitérios uma conotação sombria e fantasmagórica – trata-se de uma narrativa amplamente difundida por filmes de terror, pela literatura e também por histórias que atravessam gerações. Essa visão, no entanto, pode provocar um afastamento social de tais espaços. “Embora façam parte do imaginário popular é preciso compreender que esses aspectos reforçam o preconceito que leva ao afastamento das pessoas dos cemitérios e, por consequência, ao seu abandono [...]” (Carrasco; Nappi, 2009, p. 54).

A percepção que associa os cemitérios ao luto, à melancolia e à dor é resultado de construções simbólicas que variam conforme o contexto histórico, religioso e cultural de cada grupo social. Para além dessas representações, as necrópoles abrigam um valioso acervo histórico, artístico e cultural, que tem despertado o crescente interesse de pesquisadores e visitantes ao redor do mundo.

Antes de aprofundar a discussão, é importante deixar claro que as práticas funerárias não são universais; elas variam de acordo com a cultura, a religião e a região geográfica. Embora a morte seja uma experiência humana universal, a forma como as pessoas lidam com ela e com os restos mortais é fortemente influenciada por crenças e tradições locais.

A palavra *cemitério* vem do grego *koimeterion* e também do latim *coemeteriu*, que significa dormitório ou lugar de descanso. A prática da inumação remonta aos primórdios do *Homo sapiens*, acompanhando a própria história da humanidade. Os cemitérios seculares, também conhecidos como cemitérios monumentais³, higienistas, ou extramuros⁴, surgiram no fim do século XVIII e popularizaram-se ao longo do século XIX. As principais necrópoles secularizadas da Europa e do Brasil foram edificadas ao longo dos oitocentos⁵.

As necrópoles seculares emergiram em um contexto urbano como solução higienista para conter a proliferação de epidemias e doenças, propagadas pelos supostos “miasmas da morte”⁶. Com o passar do tempo, os cemitérios tornaram-se também espaços de visitação, de devoção e de memórias.

Maria Elizia Borges (2006, p. 175) destaca:

Os monumentos funerários são dotados de funcionalidade e de valores artísticos, simbólicos e religiosos. Essas iconografias vêm reforçar o sentimento de perda e de dor cristalizado no fim do século XIX e que se manteve por todo o século XX.

O costume de depositar um objeto simbólico que demarque a memória do falecido é antigo. O historiador Philippe Ariès (2012, p. 62) afirma que desde a Antiguidade (4.000 a.C.-476 d.C.) era comum os sepultamentos possuírem algum tipo de referência à memória do falecido:

As inscrições funerárias são inumeráveis, geralmente numerosas no começo da época cristã. Significam o desejo de conservar a identidade do túmulo e a memória do falecido. Por volta do século V tornam-se escassas, desaparecendo com certa rapidez, segundo a localidade.

A partir do século V, por influência católica, os sepultamentos passaram a ocorrer ao redor ou até mesmo dentro das igrejas, bem nos centros das cidades. Com

³ Barbara Thompson (2014, p. 97) define o cemitério monumental como aquele que possui esculturas grandiosas e sepulturas ornamentadas, comuns no século XIX e início do século XX.

⁴ O termo extramuros refere-se ao contexto europeu, no qual se construíram cemitérios afastados dos muros que cercavam as cidades.

⁵ Na Europa são exemplos: o Père-Lachaise, de Paris, construído em 1804, o Cemitério de Highgate, de Londres, de 1839, e o Cemitério Central de Viena, em 1874; no Brasil, surgiram “os cemitérios da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, em 1849, o São João Batista, em 1851 e São Francisco Xavier, em 1857. Na cidade de São Paulo inaugurou-se o Cemitério da Consolação, em 1858; e em Belém do Pará, o Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em 1853” (Borges, 2006, p. 177).

⁶ A teoria miasmática era a crença de que doenças e mortes eram causadas por vapores venenosos ou ar impuro de matéria em decomposição, como corpos em deterioração.

a ascensão da ciência no século XVIII, médicos sanitaristas alertavam para o fato de que era necessário construir cemitérios afastados dos centros urbanos, assim os ventos não trariam as doenças dos mortos para os vivos. Para sanar esse problema de saúde pública, no século XIX, tanto na Europa quanto na América, as necrópoles passaram a ser construídas distantes das cidades. Desse modo, surgiram os cemitérios monumentais, aparelhos fundamentais para o funcionamento das cidades, que experimentavam um crescimento urbano acelerado.

O cemitério monumental ou oitocentista é um estilo clássico de necrópole, caracterizada pela presença de túmulos, mausoléus⁷ e esculturas, umas mais simples, outras em grandes dimensões, elaboradas por artistas renomados e anônimos que marcaram uma época. No mundo ocidental, sobretudo em países de tradição católica, o mobiliário funerário manifesta antigas concepções da morte, com influência do romantismo, o que dava à morte um aspecto melancólico e dramático. Além de abrigar os falecidos, os cemitérios foram concebidos no intuito de serem visitados e ritualizados. Nos séculos XIX e XX era comum famílias e indivíduos mais abastados adquirirem jazigos perpétuos e neles edificarem sepulturas grandiosas.

Ariès (2012, p. 78) enfatiza que “os autores de projetos de cemitérios do fim do século XVIII desejavam que estes fossem parques organizados para a visita familiar” e museus de personas ilustres. Dessa forma, o cemitério tornou-se local onde a burguesia como classe emergente consolidava seu *status* e poder, perpetuando a memória dos que viviam na cidade e inscrevendo-a no imaginário coletivo para a posteridade.

A construção de sepulturas monumentais e a ornamentação das sepulturas no Brasil difundiram-se amplamente entre 1850 e 1960. Desde o princípio, os cemitérios públicos configuraram-se como espaços de afirmação social e reprodução de desigualdades, nos quais a sepultura funcionou, por muito tempo, como um marcador de poder e *status*. Borges (2006, p. 178) observa que, enquanto as elites privilegiavam modelos estéticos eruditos em circulação na Europa, também se multiplicavam formas populares de edificação funerária, como “os jazigos-casas, os túmulos regionalistas, as gavetas funerárias, os túmulos decorados por ‘riscadores de pedra’ e por artesãos locais”.

Com o passar dos anos, as práticas sociais relacionadas ao sepultamento e à morte foram se modificando. A partir das décadas de 1950-1960, nota-se uma diminuição no uso de alegorias e esculturas funerárias; desde então, as sepulturas tornaram-se cada vez mais simples e sóbrias, sem a ostentação de períodos anteriores. Antonio Motta (2009, p. 14) observa que, “na medida em que os antigos cemitérios não se renovam, tendem cada vez mais a se tornar vestígios arqueológicos, atrativos de curiosidade museológica, lugar de memórias residuais[...]”. Em diálogo com essa perspectiva, alguns cemitérios “têm despertado cada vez mais o interesse para seu potencial como lugar de fruição e, concomitantemente, como espaço educativo” (Almeida, 2016, p. 214).

No fim do século XX, intensificaram-se discussões sobre a musealização e o uso pedagógico dos cemitérios. Nesse período, novas perspectivas foram incorporadas às políticas preservacionistas, ampliando o conceito de patrimônio cultural e de bens nacionais. Assim, foram reconhecidas “ações e apropriações populares, credos e crenças religiosas até então desconsideradas” (Castro, 2010a, p. 16). De modo complementar, Renata Nogueira (2013, p. 14) alega que a

inclusão de temas não convencionais no centro das discussões que abordam a questão patrimonial, se deve ao fato de uma perspectiva relativamente nova

⁷ Segundo o dicionário de Oxford (s. d.), mausoléu consiste em um monumento funerário, geralmente imponente ou de dimensões avantajadas, que abriga os despojos de um ou vários membros de uma mesma família.

de uma referência cultural que desloca a atenção exclusiva dos bens de valores excepcionais, entendidos pela monumentalidade e valor histórico, para o campo das atribuições de novos sentidos e valores.

Desde a década de 1930 já existiam alguns cemitérios tombados reconhecidos como patrimônio histórico, no entanto a abordagem sobre o potencial educacional e turístico das necrópoles é recente. Apesar do avanço acadêmico sobre o tema, falar sobre os cemitérios ainda pode despertar estranhamento em algumas pessoas e até mesmo repulsa ou medo; isso é reflexo do distanciamento social que a morte e seus espaços possuem na contemporaneidade.

Enquanto no passado havia uma relação de maior proximidade com a morte e com os espaços destinados aos mortos, na atualidade predomina o distanciamento. A morte tornou-se um tabu. Hoje o tema é marcado pelo silêncio, pela contenção e pelo desconforto. Esse afastamento não é apenas simbólico: ele produz efeitos concretos, como a diminuição da participação nos rituais de passagem, a dificuldade de elaborar o luto e a perda de vínculo com os próprios espaços cemiteriais, que deixam de ser reconhecidos como parte da vida social e da memória coletiva.

Ao longo do século XIX até meados do século XX era comum a presença de cemitérios monumentais com esculturas e artefatos alegóricos. Na atualidade esses locais vêm sendo substituídos por necrópoles mais higiênicas e modernas, como os cemitérios-parque, os cemitérios verticais, os memoriais e também a cremação. “Essa mudança decorre de diversos fatores: restrições ambientais, falta de espaço urbano, novas legislações sanitárias e a própria lógica acelerada da vida contemporânea” (Rodrigues, 2025, p. 5).

Desse modo, os cemitérios monumentais passaram a ocupar um lugar periférico e afastado do cotidiano, o que contribui para o esvaziamento do sentido social desses recintos, que deixam de ser reconhecidos como espaços simbólicos de memória, de tradição e de identidade. Por conta desse afastamento social, é comum a depredação de cemitérios históricos e o descaso com eles, que em boa parte carecem de políticas públicas voltadas à preservação de seu acervo artístico e arquitetônico.

Diante de tal cenário, a musealização e a educação patrimonial tornaram-se estratégias importantes para a difusão da iconografia e do patrimônio presentes nas necrópoles. Visitar o cemitério permite conhecer mais sobre elementos da cultura local, obras de arte, narrativas, lendas, superstições populares ligadas à morte e ao luto. Em diversos países, inclusive no Brasil, há cemitérios musealizados que oferecem visitas guiadas, conduzindo o público ao encontro de personagens históricos e apresentando as transformações relacionadas às práticas mortuárias ao longo do tempo.

O turismo em espaços cemiteriais seria uma modalidade do chamado *dark tourism* ou turismo sombrio, como é conhecido. Além disso, o cemitério é considerado um patrimônio difícil ou dissonante, porque evoca memórias que podem ser sensíveis e narrativas que a sociedade prefere, muitas vezes, não lembrar nem discutir abertamente.

O ESPAÇO FUNERÁRIO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Os cemitérios, enquanto localidades de expressão sociocultural, funcionam como acervos da memória coletiva, revelando aspectos significativos da história de um determinado local. São lugares de memória, testemunhos do passado que eternizam lembranças de pessoas que tiveram importância para uma certa localidade. Esses lugares surgem quando a memória deixa de ser vivida de maneira espontânea e passa a exigir a preservação intencional. De acordo com o historiador Pierre Nora (1993, p. 12), “os

lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres”.

Lugares de memória são construções materiais, simbólicas e funcionais que atuam como referências da memória coletiva, permitindo que a sociedade se relacione com o passado mesmo quando esse vínculo se enfraquece. Desse modo, o cemitério caracteriza-se como lugar de memória porque os símbolos presentes em tal espaço expressam a cultura, as crenças e o conjunto de significados, normas e sentidos que são coletivamente compartilhados. Lápides, epitáfios, fotografias, sepulturas e monumentos fúnebres materializam e preservam essas memórias para a posteridade, fixando a lembrança. “Os símbolos tumulares comunicam ideias e evidenciam as formas de lidar com a morte e com os mortos” (Thompson, 2014, p. 99).

Necrópoles são espaços propícios para conhecer mais acerca dos valores e práticas das sociedades passadas. São elos que unem presente e passado. Ao caminhar por um cemitério antigo, veem-se lápides de diferentes temporalidades, que foram criadas com base em concepções estéticas e culturais próprias de um período.

O cemitério é um lugar privilegiado para entender uma cultura e seus aspectos simbólicos e artísticos. Por intermédio da arquitetura, escultura e artes decorativas, cristalizam-se elementos simbólicos que, quando interpretados, permitem uma compreensão da sociedade na qual estão inseridos (Borges, 2002 *apud* Almeida, 2016, p. 215).

O conjunto escultórico e arquitetônico dos cemitérios constitui vestígios tangíveis do legado cultural; são marcas e representações que nossos antecessores tinham da morte (Mata; Montagud, 2023, p. 9). Os campos-santos refletem a cultura, as crenças e as práticas de uma sociedade ao longo dos anos. Além de serem espaços de construção de identidade, os cemitérios também a representam em suas formas materiais.

Nogueira (2013) define os cemitérios como acervos de valores históricos e artísticos. Além de preservar memórias individuais e coletivas, eles permitem o estudo de manifestações e crenças religiosas. Trata-se de um espaço profícuo em conhecimento sobre um determinado lugar; por meio das necrópoles é possível aprofundar o conhecimento acerca da formação étnica e a expectativa de vida da população, além de estudos genealógicos. O cemitério é, portanto, local onde a memória se cristaliza e se refugia (Nogueira, 2013, p. 16). Por concentrar valores artísticos, históricos e culturais, algumas necrópoles são reconhecidas como patrimônio cultural e museu a céu aberto.

O PATRIMÔNIO FUNERÁRIO COMO CAMPO DE ESTUDO E PRESERVAÇÃO LEGAL

A Constituição Federal de 1988, por intermédio do artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido no Decreto-Lei n.º 25, de novembro de 1937, substituindo a denominação patrimônio histórico e artístico por patrimônio cultural brasileiro. O artigo 216 define o que pode ser entendido como patrimônio cultural:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV –

as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico (Brasil, 1988).

Como podemos ver, os exemplos de patrimônio cultural são inúmeros; eles abarcam a diversidade de elementos materiais e imateriais produzidos pelos humanos⁸. Entre os segmentos do patrimônio cultural, um que desperta curiosidade é o patrimônio cultural funerário, que está relacionado diretamente com a morte e com a materialidade presente nas necrópoles.

Elisiana Trilha Castro (2010a, p. 14) classifica o patrimônio funerário como um “conjunto de bens, materiais e imateriais, encontrados em locais de sepultamentos, acervos diversos, cemitérios e demais espaços e práticas relacionadas com a morte”. O patrimônio cemiterial não é composto apenas pela cultura material visível nas sepulturas ou pelo conjunto artístico e arquitetônico dos cemitérios, mas também por práticas imateriais e simbólicas: “ritos, devoções aos santos milagreiros, celebrações relacionadas ao dia de finados, romarias e cortejos, tudo isso seria parte do conjunto de elementos que compõem o patrimônio funerário” (Castro, 2012, p. 145). Trata-se de um patrimônio vasto, que abarca

costumes de preparação do corpo e de velórios, tipos de cortejos e ritos como as celebrações pela passagem de datas, como o Dia de Finados, missas de Sétimo Dia, cultos em lugares de morte dos conhecidos “santos populares”, acervos pessoais e de empresas do ramo funerário. O conjunto é amplo e diverso. Nosso país comporta uma série de ricas relações das mais variadas origens que formam as práticas e crenças funerárias brasileiras (Castro, 2010a, p. 14).

A patrimonialização de espaços cemiteriais é o processo de atribuir valor cultural, histórico, artístico e social aos cemitérios, reconhecendo-os como patrimônio cultural e, dessa forma, garantindo a sua salvaguarda e preservação. No Brasil, o principal instrumento jurídico de preservação do patrimônio cultural (incluindo os cemitérios) é o tombamento⁹, que passou a assumir papel central no reconhecimento e na proteção legal do patrimônio nacional.

O tombamento de cemitérios não é uma prática recente. Castro (2010b) ressalta que tal recurso existe desde a década de 1930, período no qual surgiu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão responsável por iniciar a política de preservação do patrimônio nacional e que posteriormente se tornou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O SPHAN foi criado em 1937 por meio do Decreto-Lei n.º 25, fundamentado no anteprojeto elaborado pelo modernista Mário de Andrade a pedido do ministro Gustavo Capanema. Sua função era inventariar, classificar, tomba e proteger bens de valor histórico, artístico, paisagístico e arqueológico do país, tornando-se o primeiro órgão brasileiro dedicado oficialmente à preservação do patrimônio nacional (Corá, 2014, p.

⁸ De acordo com o IPHAN (2012), o patrimônio material é constituído por bens culturais tangíveis, tais como edifícios, monumentos, coleções e sítios arqueológicos. Já o patrimônio imaterial é composto por bens intangíveis, como as práticas, os saberes e fazeres, as celebrações, as formas de expressão, os ritos e costumes comunitários.

⁹ Segundo o IPHAN, o tombamento “é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal” (IPHAN, 2014). Ele foi instituído como lei federal por meio do Decreto-Lei n.º 25, de 1937, sendo o primeiro instrumento legal de proteção do patrimônio cultural brasileiro.

3). Extinto em 1946 e substituído pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), o órgão foi reformulado em 1970, quando passou a se chamar IPHAN, denominação que permanece até hoje.

Esse órgão institucional tem como responsabilidade efetuar: o tombamento de bens culturais materiais, o registro de bens culturais imateriais, a gestão do patrimônio, a fiscalização e autorização para intervenções de bens protegidos, além da promoção e do fomento de ações que propõem a salvaguarda e a valorização do patrimônio (IPHAN, s. d.).

Castro (2010b) observa que existem cemitérios tombados pelo IPHAN desde a década de 1930. A autora enfatiza que ao longo dos séculos XX e XXI ocorreram outros tombamentos de espaços cemiteriais. No ano de 2008 ela mapeou ao todo 15 tombamentos em âmbito federal referentes a conjuntos funerários, ou bens específicos como: túmulos, estátuas e portões¹⁰. É importante ressaltar que o tombamento existe em diferentes instâncias: federal, estadual e municipal. Castro (2010b, p. 16) especifica apenas os tombamentos realizados pelo IPHAN.

Carrasco e Nappi (2017) destacam que o tombamento isoladamente não garante a preservação efetiva do patrimônio, uma vez que se trata de um ato jurídico-administrativo que reconhece o valor de um bem e estabelece restrições de uso (Carrasco; Nappi, 2017, p. 55). Nesse sentido, eles enfatizam a musealização como forma de valorização e preservação do espaço cemiterial, trazendo novos olhares e interpretações para esse recinto. A musealização, além de sugerir o tombamento do patrimônio, busca aproximar a população e os cemitérios por meio de atividades de educação patrimonial, propondo sensibilizar a sociedade a fim de preservar e valorizar tais espaços, que são muitas vezes negligenciados como bens patrimoniais.

A MUSEALIZAÇÃO DE CEMITÉRIOS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Musealizar é o processo de transformar um bem cultural (material ou imaterial) em objeto de museu ou em espaço com funções museológicas. No contexto dos cemitérios, musealizar seria transformar o espaço funerário em lugar de preservação, interpretação e valorização cultural. Essa prática implica reconhecer o cemitério como patrimônio cultural e demanda ações de conservação, tombamento, catalogação e inventariação de suas peças, bem como sinalização, produção e interpretação museológica. Além disso, envolve a articulação entre memória e educação patrimonial, transformando o cemitério em um museu a céu aberto (Mata; Montagud, 2023, p. 3)¹¹.

A musealização de uma necrópole pode promover reflexões sobre história, arte, religiosidade, identidade e práticas sociais ligadas à morte. Conforme elucidado por

¹⁰ 1. Igreja de São Francisco da Penitência, Cemitério e Museu de Arte Sacra; 2. Cemitério do Batalhão; 3. Inscrições tumulares da Igreja da Vitória; 4. Capela de São Pedro e Cemitério de Maruí; 5. Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, Cruzeiro, Capela e Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco; 6. Lápide tumular de Estácio de Sá; 7. Cemitério de Nossa Senhora da Soledade; 8. Túmulos do Dr. Pedro Lund e seus colaboradores; 9. Portão do Cemitério de Arez; 10. Cemitério Protestante (ou do Imigrante); 11. Estátua do Mausoléu da família do Barão de Cajaíba; 12. Conjunto arquitetônico e paisagístico de Porto Seguro; 13. Conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade de Mucugê, especialmente o cemitério; 14. Cemitério da Candelária (Estrada de Ferro Madeira-Mamoré); 15. Lugar de sepultamento do Guia Lopes, do Cel. Camisão e do Ten. Cel. Juvêncio.

¹¹ É importante destacar que a prática da musealização apenas sugere o tombamento do bem cultural. Pode ocorrer de um cemitério ser reconhecido como espaço de musealização, mas não ser tombado pelo poder público, conforme ressaltam Ferreira e Lima (2024).

Nogueira (2013, p. 85), “a finalidade educacional, científica, histórica e cultural do projeto de musealização é possibilitar a percepção do cemitério como repositório de importantes coleções de obras de artes, histórias e acontecimentos do passado”.

A implementação da musealização de espaços cemiteriais não é inédita, pois já foi colocada em prática em necrópoles brasileiras e em outras espalhadas pelo mundo, principalmente na Europa, onde não há tanto estranhamento em visitar esses locais. Ribeiro, Tavares e Brahm (2017) apontam similaridades entre os cemitérios e os museus. Os cemitérios monumentais, além de serem espaços onde ocorrem inumações, são locais onde se encontram coleções de obras de arte das mais diversas; as coleções são o principal ponto de confluência entre necrópoles e museus. Museus são espaços concebidos para proporcionar encontro entre sujeitos e referências culturais. “[...] Eles abarcam como funções basilares a coleta, pesquisa, documentação, conservação e comunicação, encadeamentos esses que configuram o processo de musealização” (Ribeiro; Tavares; Brahm, 2017, p. 29). Segundo o Conselho Internacional de Museus (Icom Brasil, 2022),

um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.

Ribeiro, Tavares e Brahm (2017) sintetizam quatro elementos fundamentais do museu que também encontram convergência nos cemitérios: a existência de uma coleção, a comunicação, a representatividade/reconhecimento e a observação pelo público. A coleção é a base material que sustenta a existência de um museu; sem acervo não há patrimônio a ser preservado. A comunicação aponta a função educativa e interpretativa do museu, tornando o acervo acessível. A comunicação e a representatividade/reconhecimento ressaltam o papel do museu enquanto espaço de memória coletiva que pode legitimar identidades. Por último, ser visto/observado por um público indica a importância da interação com a sociedade, já que o museu só faz sentido pleno quando é visitado e apropriado pelos indivíduos (Ribeiro; Tavares; Brahm, 2017, p. 31).

A principal diferença entre os cemitérios-museus e os museus tradicionais é que os primeiros são espaços híbridos, pois, ao mesmo tempo em que cumprem sua função primordial como locais de sepultamento, também se configuram como ambientes museológicos. Enquanto os museus convencionais expõem obras deslocadas de seus contextos originais, nos cemitérios a experiência é vivida *in loco*, permitindo ao visitante o contato direto com as peças no próprio espaço para o qual foram concebidas (Ribeiro; Tavares; Brahm, 2017, p. 33). Krzysztof Pomian (1984) ressalta as sepulturas como exemplo singular de coleção e os cemitérios como um espaço com caráter museológico.

O autor define como coleção “qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” (Pomian, 1984, p. 4). Segundo Pomian (1984), o mobiliário funerário configura-se como um semióforo, pois representa algo além de sua materialidade. Um semióforo é um objeto sem valor de uso prático, mas dotado de significados simbólicos e alegóricos – um exemplo seriam os túmulos, ou, como ele chama, as “oferendas aos mortos”.

Os cemitérios são espaços repletos de representações visíveis e invisíveis. Sua organização paisagística e a disposição dos monumentos demonstram uma dimensão

museal, fazendo deles lugares de contemplação e reflexão, por isso têm sido considerados como museus a céu aberto. Musealizar um cemitério não é transformá-lo em museu tradicional, mas aplicar princípios museológicos no recinto, dando-lhe função educativa, comunicativa e de fruição, articulando turismo, memória e preservação.

Os cemitérios-museus são espaços que reúnem um conjunto paisagístico e coleções que concentram obras de arte, como esculturas e mausoléus. Além disso, eles abrigam túmulos de pessoas que foram importantes naquela localidade e servem como lugares de memória e de estudo da história e da cultura funerária. São cemitérios com potencial para serem reconhecidos como patrimônio cultural, em virtude dos valores que preservam; tornaram-se destinos turísticos por conta da arte, da arquitetura e da história que ali se encontram.

De maneira complementar, Esmeralda Mata e María Montagud (2023) destacam que, para ser titulado como museu, o cemitério deve cumprir alguns requisitos, como: oferta de visitas guiadas conduzidas por especialistas, que possibilitem uma compreensão mais ampla do patrimônio arquitetônico, artístico e histórico; disponibilização de recursos informativos autônomos, como placas explicativas e QR codes, além de estratégias de divulgação realizadas tanto pelas redes sociais quanto pela própria comunidade. Outro aspecto fundamental é a existência de sinalização adequada, com sugestões de rotas e orientações aos visitantes, bem como a garantia de acessibilidade e de livre circulação a todos. Por fim, a catalogação das esculturas funerárias é considerada um elemento essencial no processo de musealização (Mata; Montagud, 2023, p. 16).

O TURISMO CEMITERIAL E OS PATRIMÔNIOS DIFÍCEIS

O turismo cemiterial é uma prática que estimula a divulgação do patrimônio existente em cemitérios. Tal tipo de passeio é alternativo e vem ganhando cada vez mais atenção pública. Sendo mais comum em cemitérios centenários e que possuem personalidades famosas, essa espécie de turismo começou a ganhar notoriedade recentemente. Trata-se de uma vertente do chamado turismo sombrio ou *dark tourism*, termo de origem inglesa que foi mencionado pela primeira vez em um artigo publicado por Malcon Foley e John Lennon no ano de 1996. Ou seja, é um conceito relativamente novo e que não se restringe aos cemitérios, pois é multifacetado e possui distintas tipologias (Stone, 2006)¹².

De acordo com Philip Stone (2006), o turismo sombrio é um gênero de passeio que foge do convencional; consiste no ato de visitar locais associados à morte, ao sofrimento e ao aparentemente macabro. São exemplos: parques temáticos, hotéis e museus de terror, locais de tortura, prisões, antigos hospitais psiquiátricos, campos de concentração e cemitérios.

Apesar de o conceito ser relativamente novo na academia, a prática de visitar locais sombrios é antiga. Exemplos de turismo sombrio podem ser encontrados nos passeios guiados ao necrotério do período vitoriano, como “na exposição Câmara dos Horrores do Madame Tussauds ou nas ‘casas de correção’ do século XIX, onde galerias eram construídas para acomodar visitantes pagantes que testemunhavam a flagelação como uma atividade recreativa” (Stone, 2006, p. 147).

¹² Stone (2006) cita alguns exemplos, como: visitas a cemitérios (Seaton, 2002) e locais de morte de famosos (Alderman, 2002), turismo do Holocausto (Ashworth, 1996), turismo prisional (Strange e Kempa, 2003) ou turismo da herança escravista (Dann e Seaton, 2001).

Stone (2006) denomina os cemitérios como lugares sombrios de repouso (*dark resting places*) e informa que o turismo nesses recintos tem se difundido por meio de grupos associativos, uso da internet e visitas guiadas. Segundo o autor, diferentemente das outras categorias de *dark tourism*, as visitas às necrópoles estão diretamente ligadas à apreciação artística e à fruição cultural.

De acordo com a Associação de Cemitérios Significativos da Europa (ASCE), os cemitérios são um componente integral do patrimônio cultural e aqueles com significado histórico ou artístico devem ser preservados (ASCE, 2005). De fato, a justificativa para a maioria dos Dark Resting Places é a promoção e a conservação da arquitetura e escultura romântica e gótica, por meio da manutenção de lápides, tumbas e mausoléus. Além disso, a sustentabilidade das paisagens ecológicas locais é uma preocupação primordial (Stone, 2006, p. 155).

Pelo fato de estarem estritamente relacionados a questões delicadas como a morte, o luto e a perda, os cemitérios são considerados patrimônios difíceis ou dissonantes. De acordo com Cristina Meneguello e Daniela Pistorello (2021), os patrimônios difíceis são lugares associados ao sofrimento, à violência, exclusão, punição e morte. São exemplos: campos de concentração, locais de genocídio, prisões, hospitais psiquiátricos e cemitérios.

De modo distinto do patrimônio cultural tradicional, que geralmente celebra o “belo e o positivo”, os patrimônios difíceis lidam com memórias comumente traumáticas e dolorosas. Um cemitério pode ser considerado um patrimônio difícil ou dissonante porque não há um consenso sobre sua patrimonialização. As autoras citadas observam que os patrimônios difíceis “podem reunir a função de memorial ou de local de peregrinação com a finalidade de rememoração coletiva e de reconhecimento de direitos e de reparação” (Meneguello; Pistorello, 2021, p. 4).

O turismo em cemitérios muitas vezes suscita debates éticos sobre o uso desses espaços, pois há quem tema que a visita provoque a dessacralização do campo-santo ou represente uma forma de “exploração da memória alheia”. Por essa razão, tais lugares são considerados patrimônios dissonantes, já que não existe um entendimento comum acerca de sua patrimonialização.

EXPERIÊNCIAS DE CEMITÉRIOS MUSEALIZADOS

Geralmente as necrópoles atraem visitantes interessados em conhecer a sepultura de personalidades famosas, ou se não para “apreciar obras de arte que ornamentam os túmulos ou simplesmente desfrutar de momentos de paz e tranquilidade nos jardins arborizados característicos desses locais” (Carrasco; Nappi, 2009, p. 54).

Alguns cemitérios são pontos turísticos consolidados em diferentes partes do mundo. Na Europa, mais especificamente na França, são famosos o Père-Lachaise, o Montparnasse e o Montmartre; na Inglaterra, existem o Highgate e o Golders Green Crematorium, em Londres; na Romênia tem relevância o Cemitério Alegre de Săpânța, que atrai uma grande quantidade de turistas ao longo do ano. Na América do Sul destacam-se o Cemitério de La Recoleta, em Buenos Aires, assim como o Cemitério Museo San Pedro, de Medellín; o da Consolação, em São Paulo; o São João Batista, no Rio de Janeiro; e o do Bonfim, em Belo Horizonte. Enfim, os exemplos são vários; além dos cemitérios citados, diversos outros possuem potencial museal e turístico.

Figura 1 – Sepulturas coloridas no Cemitério Alegre de Săpânța, Romênia



Fonte: Chainwit/Wikimedia Commons (2023). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemitério_alegre_de_Săpânța#/media/Ficheiro:Cimitirul_Vesel,_Săpânța_Maramureș_\(2023\)_-_IMG_07.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemitério_alegre_de_Săpânța#/media/Ficheiro:Cimitirul_Vesel,_Săpânța_Maramureș_(2023)_-_IMG_07.jpg). Acesso em: 12 maio 2026

Entre os cemitérios-museus, o mais famoso de todo o mundo é o Cemitério Père-Lachaise, em Paris, um espaço repleto de obras de arte, alamedas e jardins fascinantes. O Père-Lachaise foi fundado no ano de 1805 e com o tempo se tornou a principal necrópole parisiense. Atualmente possui mais de 70 mil sepulturas. Trata-se do maior parque aberto da cidade, com mausoléus e estátuas construídas em estilos artísticos distintos, como gótico, *art nouveau*, barroco e neoclássico.

É conhecido como um dos principais pontos turísticos de Paris, por conta de seus monumentos históricos, suas histórias e lendas. Recebe cerca de 3 milhões de visitantes todos os anos (Stone, 2006, p. 155). No Père-Lachaise estão sepultadas personalidades famosas da literatura, música, política, música e teatro. Entre as sepulturas mais visitadas está a do fundador da religião espírita, Allan Kardec, além de Frederic Chopin, Édith Piaf, Jim Morrison, Oscar Wilde e Victor Noir (Carrasco; Nappi, 2009, p. 54).

Figura 2 – Sepultura do escritor Oscar Wilde no Cemitério Père-Lachaise, em Paris



Fonte: Agateller/Wikimedia Commons (2012). Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Oscar_Wilde%27s_tomb#/media/File:Tomb_of_Oscar_Wilde,_Père-Lachaise_cemetery,_Paris,_France.jpg. Acesso em: 12 maio 2026

Figura 3 – Vista arborizada do Cemitério Père-Lachaise



Fonte: Pierre-Yves Beaudouin/Wikimedia Commons (2018). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Trees_in_the_P%C3%A8re-Lachaise_Cemetery#/media/File:P%C3%A8re-Lachaise_-_Division_36_-_140.jpg. Acesso em: 12 maio 2026

Outro cemitério-museu popular entre os turistas é o de La Recoleta, localizado na cidade de Buenos Aires, Argentina. Situado no tradicional bairro da Recoleta, uma das regiões mais valorizadas da cidade, foi planejado pelos arquitetos franceses Catelín e Pedro Benoit e fundado no ano de 1822 (Nogueira, 2013, p. 46). O cemitério recebeu esse nome porque antigamente o local abrigava um convento de freis recoletos¹³. É famoso por conta dos mausolés e estátuas realistas.

O Cemitério de La Recoleta abriga a sepultura de personalidades importantes da história argentina, como chefes de Estado e políticos. A sepultura mais visitada é a da líder política Eva Perón (Evita), que atrai milhares de pessoas do mundo todo (Ferreira; Lima, 2024, p. 17). Outra sepultura famosa é o mausoléu de Rufina Cambaceres, uma jovem argentina (1883-1902). Ela foi encontrada sem vida e enterrada no jazigo da família, porém, após o enterro, ouviram-se ruídos vindos de sua sepultura. Ao abrirem o túmulo, descobriram indícios de que ela poderia ter sido enterrada viva, por isso sua sepultura é popularmente conhecida como a da “menina que morreu duas vezes” (Stewart, 2017).

Figura 4 – Mausolés no Cemitério de La Recoleta



Fonte: Jerzystrzelecki/Wikimedia Commons (2013). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Busts_in_the_Recoleta_Cemetery#/media/File:Recoleta_Cemetery05\(js\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Busts_in_the_Recoleta_Cemetery#/media/File:Recoleta_Cemetery05(js).jpg). Acesso em: 12 maio 2026

¹³ Ordem religiosa de freades e freiras que buscam viver uma vida de recolhimento, oração, estudo e serviço, seguindo os preceitos de Santo Agostinho.

Figura 5 – Mausoléu de Rufina Cambaceres, no Cemitério da Recoleta, Buenos Aires



Fonte: Elemaki/Wikimedia Commons (2010). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cementerio_La_Recoleta_Bs_As.jpg. Acesso em: 12 maio 2026.

No Brasil, um dos cemitérios-museus mais visitados por turistas é o da Consolação, em São Paulo. Inaugurado em 15 de agosto de 1858, é o mais antigo da capital paulista e por muito tempo foi o principal local de sepultamento da burguesia cafeeira. Suas sepulturas, ornadas com bronze e mármore de Carrara, refletem o poder econômico da época e exibem esculturas produzidas por artistas renomados e anônimos, que deixaram sua marca na história da cidade. Nele estão sepultados importantes personalidades da história brasileira, como Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Monteiro Lobato. Também possui obras de arte de escultores famosos, como Victor Brecheret e Luigi Brizzolara. Uma das maiores atrações do cemitério é o mausoléu da família Matarazzo, de 1925 (Ferreira; Lima, 2024, p. 17).

O Cemitério da Consolação oferece visitas guiadas que têm como proposta apresentar para a população monumentos e ornamentos característicos de práticas funerárias do século XIX e início do século XX, período conhecido como época de ouro da arte tumular no Brasil. As visitas são gratuitas e agendadas pelas redes sociais e por telefone disponibilizado pela prefeitura de São Paulo¹⁴ (Nogueira, 2013, p. 50).

Figura 6 – Túmulo de Olívia Guedes Penteado, obra do escultor modernista Victor Brecheret (1894-1955)



Fonte: Dornicke/Wikimedia Commons (2008). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Victor_Brecheret_-_T%C3%BAmulo_de_Ol%C3%ADvia_Guedes_Penteado.JPG. Acesso em: 12 maio 2026

¹⁴ Para mais informações sobre visitas guiadas ao Cemitério da Consolação (SP), acessar o *site* <https://consolare.com.br/cemiterio-consolacao/>.

Figura 7 – O Grande Anjo, de Victor Brecheret – escultura tumular da família Botti, 1938



Fonte: Sturm/Wikimedia Commons (2018). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Fam%C3%ADlia_Botti_tomb#/media/File:Cemit%C3%A9rio_da_Consola%C3%A7%C3%A3o_\(2018\)_023.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Fam%C3%ADlia_Botti_tomb#/media/File:Cemit%C3%A9rio_da_Consola%C3%A7%C3%A3o_(2018)_023.jpg). Acesso em: 12 maio 2026

No Rio de Janeiro destaca-se o Cemitério de São João Batista. Localizado em Botafogo, é o único da zona sul da cidade; conhecido também como Cemitério dos Artistas, ele abriga sepulturas de personalidades como Cazuzza, Cândido Portinari, Carmen Miranda, Santos Dumont e Jorge Selarón, entre outras figuras marcantes da história brasileira. Por conta do número de personalidades enterradas no São João Batista, é uma atração turística na cidade. É considerada uma das necrópoles mais ornamentadas do Brasil; possui mausoléus e sepulturas variadas, umas mais requintadas, outras menos, que remetem a diferentes períodos históricos e estilos arquitetônicos.

Segundo Nogueira (2013), o cemitério surgiu no ano de 1852 como medida higiênica e foi por muito tempo um dos mais importantes do Rio de Janeiro. Por estar situado na então capital do Brasil, tornou-se o local escolhido para sepultar importantes figuras do período republicano, como militares e políticos, transformando-o em um espaço de exaltação à pátria e honra à nação. É o cemitério que mais abriga ex-presidentes no país. Constitui hoje uma herança histórica e artística da arte funerária no Rio de Janeiro. O cemitério atualmente é administrado pela Rio Pax, que promove visitas guiadas mensalmente¹⁵.

Figura 8 – Anjo esculpido – Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro (RJ)



Fonte: Seauton/Wikimedia Commons (2025). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Sculptures_at_Cemit%C3%A9rio_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Batista#/media/File:Rio_de_janeiro_fonseca_costa_3.jpg. Acesso em: 12 maio 2026

¹⁵ Para mais informações sobre visitas guiadas ao Cemitério São João Batista, acessar o site <https://concessionariariopax.com.br/project/cemiterio-sao-joao-batista/>.

Figura 9 – Monumentos funerários no Cemitério São João Batista (RJ)



Fonte: Sturm/Wikimedia Commons (2025). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cemit%C3%A9rio_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Batista_\(Rio_de_Janeiro\)#/media/File:Cemit%C3%A9rio_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Batista_\(August_2025\)_092.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cemit%C3%A9rio_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Batista_(Rio_de_Janeiro)#/media/File:Cemit%C3%A9rio_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Batista_(August_2025)_092.jpg). Acesso em: 12 maio 2026

Outro exemplo de cemitério-museu brasileiro é o Cemitério do Bonfim, de Belo Horizonte (MG), construído no fim da década de 1890. Foi por muitas décadas a principal necrópole da capital mineira. Além de cumprir suas funções habituais ligadas aos sepultamentos e ao culto aos mortos, o Bonfim tornou-se um espaço de educação patrimonial e de conhecimento histórico. Marcelina Almeida (2016, p. 219), professora de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, enfatiza que esse cemitério se destaca por conta de sua arquitetura singular e sepulturas grandiosas: “Incorpora em seu acervo o ofício de marmoristas, artistas e artesãos que deixaram registrados na construção tumular seu talento e capacidade criativa. Trata-se de um espaço significativo para se compreender Belo Horizonte”¹⁶.

Figura 10 – Capela do necrotério do Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte



Fonte: Sturm/Wikimedia Commons (2023). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim_morgue#/media/File:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim_\(May_2023\)_109.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim_morgue#/media/File:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim_(May_2023)_109.jpg). Acesso em: 12 maio 2026

¹⁶ Para saber mais sobre visitas ao Cemitério do Bonfim, encaminhar *e-mail* para Divisão de Eventos e Educação Ambiental (FPM): agendaparques@pbh.gov.br.

Figura 11 – Sepultura no Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte



Fonte: Sturm/Wikimedia Commons (2023). Licença CC BY-SA 4.0. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim#/media/File:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim_\(May_2023\)_288.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim#/media/File:Cemit%C3%A9rio_do_Bonfim_(May_2023)_288.jpg). Acesso em: 12 maio 2026

CEMITÉRIOS COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A pesquisadora especializada em arte cemiterial Isis Rodrigues (2025) destaca que a educação patrimonial tem sido um recurso utilizado para valorização e preservação dos cemitérios. A autora informa que as atividades educativas em âmbito cemiterial são fruto de ações criativas e parcerias com universidades, empresas privadas e órgãos públicos. Visitas guiadas, oficinas, roteiros temáticos e projetos de extensão universitária constituem importantes ações para ampliar a participação popular e promover a sensibilização em torno do patrimônio funerário. “A implementação de práticas educativas nos cemitérios representa uma estratégia relevante para aproximar os jovens do patrimônio artístico e histórico da cidade” (Rodrigues, 2025, p. 5).

Complementando essa ideia, Átila Tolentino e Emanuel Braga (2016) apontam a educação patrimonial como uma prática democrática de conhecimento e de transformação da realidade, capaz de proporcionar uma visão crítica e reflexiva sobre o patrimônio. Os autores entendem a educação patrimonial como um processo de mediação e uma construção coletiva. Não consiste em “transmissão de conhecimento” ou conscientização da população, mas em um saber compartilhado que é dialógico e que possui consensos, dissensos e conflitos (Tolentino; Braga, 2016, p. 40).

Tolentino e Braga (2016, p. 42) ressaltam que nenhum patrimônio é neutro, e “não é possível, portanto, pensar em patrimônio ou memória coletiva sem pensar em alguma relação de poder”. A educação patrimonial não é uma metodologia, mas um processo transversal de ensino-aprendizagem no qual o educador patrimonial atua como mediador entre o patrimônio cultural (material e imaterial) e a sociedade, contribuindo para a construção de sentidos. Para que se configure como educação patrimonial, é necessário desenvolver ações permanentes e contínuas, orientadas por um trabalho reflexivo e crítico que envolva o patrimônio e a sociedade (Tolentino; Braga, 2026, p. 46). Iniciativas de educação patrimonial em espaços cemiteriais visam transformar esse local em um espaço de conhecimento sobre história, arte e cultura.

Marcelina Almeida (2016) coordena visitas guiadas e projetos de pesquisa no Cemitério do Bonfim de Belo Horizonte desde 2012. Ela ressalta o cemitério como “uma sala de aula a céu aberto”. Marcelina convida estagiários e graduandos a participar de atividades acadêmicas organizadas dentro do cemitério, as quais envolvem “visita,

pesquisa, investigação, desfrute e compreensão dos significados inerentes ao local” (Almeida, 2016, p. 220). Ela destaca que a educação patrimonial pode proporcionar

uma reabilitação do espaço cemiterial, resultando em experiências diversificadas que promovem a preservação do espaço, integrando múltiplos saberes, que transitam pelas áreas da História, Artes Visuais, Design, Arquitetura, Turismo, dentre outras. Além disso, vem fomentando a ideia de pertencimento e identidade em relação à necrópole, sensibilizando os poderes público e privado para a promoção de ações voltadas para o zelo do patrimônio histórico e cultural que ali se encontra abrigado (Almeida, 2016, p. 214).

As visitas orientadas por um educador patrimonial consistem em um momento de ensino-reflexão, no qual se abrem oportunidades para debate sobre história da arte, patrimônio, religião e ritos. Kate Rigo (2010) pesquisa sobre patrimônio cemiterial e também é professora de História do Ensino Fundamental. Ela relata experiências pedagógicas no cemitério do Caju (RJ), enfatizando as potencialidades desse lugar enquanto espaço de fruição e de conhecimento sobre o passado. A autora alinha o conceito de *pedagogia cemiterial*.

Durante todos esses anos, como pesquisadora e docente, notei que os alunos que tinham muito medo de cemitério foram os que mais se envolvem com a pesquisa cemiterial. O cemitério pode ser um excelente aliado na prática educativa, pois nele temos a oportunidade de trabalhar diferentes aspectos da história, períodos distintos da arte, conceitos da sociologia, conceitos da filosofia e permitir a reflexão sobre o tema da morte e do morrer. Também podemos trabalhar diversas áreas da geografia (conceitos de coordenadas geográficas e delimitação espacial ficam menos abstratos), com estilos literários a partir dos epitáfios, flora e fauna na biologia, geometria na matemática e assim por diante. Temos um universo interdisciplinar num local que muitas vezes é restringido como a morada dos mortos (Rigo, 2010, p. 5).

As atividades de educação patrimonial nos cemitérios propõem transformar a necrópole em um espaço de aprendizado, reflexão e fruição. A preservação e os passeios permitem que um público amplo aprenda sobre aspectos artísticos, religiosos e culturais.

Iniciativas de proteção e de divulgação do patrimônio presente nas necrópoles visam sensibilizar os visitantes a cuidar de tais recintos e podem proporcionar o enriquecimento da identidade cultural e da cidadania, fortalecendo o sentimento de pertença ao lugar. A ideia de que o cemitério é uma “sala de aula a céu aberto” propõe que ele seja visto para além de um local de finitude da vida, mas um espaço de conhecimento interdisciplinar. Pesquisadores, genealogistas e historiadores utilizam os cemitérios como fontes primárias de pesquisa; as inscrições e os estilos das sepulturas revelam traços característicos de uma determinada época, sociedade ou grupo.

A educação patrimonial fundamenta-se no conhecimento histórico, na preservação e no enriquecimento cultural, consolidando-se como um importante meio para estimular a visitação às necrópoles e garantir a integridade de sua paisagem, arquitetura e ecologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos que levam as pessoas a frequentar cemitérios são diversos. Muitos visitam esses espaços para prestar homenagem a entes queridos; outros buscam conhecer túmulos de figuras históricas ou célebres. Há ainda aqueles que se interessam pelas

expressões artísticas, arquitetônicas e culturais presentes nesses recintos. E, para algumas pessoas, o cemitério torna-se simplesmente um lugar de quietude, onde é possível sentar sob a sombra de uma árvore e desfrutar de um momento de silêncio e contemplação. Neste artigo, elucidamos as necrópoles como referências culturais que podem revelar características relevantes sobre práticas sociais de nossos antecessores; por intermédio dos cemitérios é possível observar transformações artísticas e mudanças temporais na relação dos seres humanos com os mortos.

O cemitério monumental seria uma testemunha do passado e deve ser preservado. Iniciativas de educação patrimonial, como as apresentadas por Almeida (2016) e Rigo (2010), têm contribuído para promover o diálogo e o encontro entre a comunidade e o patrimônio. A educação patrimonial vem afirmando-se como estratégia democrática para a divulgação, sensibilização e reflexão sobre a diversidade cultural e artística presente nos cemitérios.

O papel dos educadores patrimoniais tem ganhado destaque nas experiências de visitação a espaços funerários. Diversos cemitérios já adotam esse tipo de abordagem em que as visitas guiadas auxiliam na interpretação histórica, simbólica e cultural.

A musealização do patrimônio funerário seria um meio de assegurar a salvaguarda e a transmissão das riquezas culturais e históricas presentes nesses sítios. Os cemitérios-museus mencionados evidenciam que a musealização é um processo contínuo, o qual pode transformar o espaço cemiterial em um local de preservação, conhecimento e valorização cultural. A musealização seria uma forma de atribuir sentido aos cemitérios históricos que integram o tecido urbano, em um contexto em que prevalece o distanciamento com a morte e com os locais relacionados a ela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial. **Revista M**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 213-230, jan./jun. 2016.

ARIÈS, Philippe. **A história da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. São Paulo: Saraiva, 2012.

BORGES, Maria Elizia. Expressões artísticas de cunho popular em cemitérios brasileiros. In: ABEC – ENCONTRO SOBRE CEMITÉRIOS BRASILEIROS, 2., Porto Alegre, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul./dez. 2009.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Cemitérios em destaque: iniciativas nacionais e internacionais pela preservação do patrimônio funerário**. 2010a. Disponível em: <https://elisianacastro.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/06/artigo-elisiana-abec-2010-patrimonio-funerario-iniciativas-nac-e-int.pdf>. Acesso em: 11 maio 2026.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Cemitérios, nosso patrimônio nacional**: a ação do IPHAN com relação ao patrimônio funerário brasileiro. 2010b. Disponível em: <https://elisianacastro.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/06/artigo-elisiana-abec-2010-patrimonio-funerario-iphan.pdf>. Acesso em: 11 maio 2026.

CASTRO, Elisiana Trilha. Patrimônio cultural funerário. *In*: DICIONÁRIO Temático de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. p. 245-255.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian. Políticas públicas culturais no Brasil: dos patrimônios materiais aos imateriais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 5, p. 1.093-1.112, set./out. 2014.

FERREIRA, Isaac Roberto; LIMA, Maria de Lourdes. A importância das políticas culturais na preservação dos cemitérios enquanto patrimônios. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 16, 2024. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/596>. Acesso em: 12 maio 2026.

ICOM BRASIL. **ICOM aprova nova definição de museu**. 24 ago. 2022. Disponível em: <https://icom.org.br/icom-aprova-nova-definicao-de-museu/>. Acesso em: 12 maio 2026.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Bens tombados**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 11 maio 2026.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio cultural**. S. d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218#:~:text=P%C3%A1gina%20%2D%20IPHAN%20%2D%20Instituto%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio cultural imaterial**: para saber mais. Texto e revisão de Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, 2012.

MATA, Esmeralda Pons; MONTAGUD, María Ángeles Carabal. **Patrimonio funerario**: la musealización como medio para su conservación. Universitat Politècnica de València, 2023. Disponível em: <https://polipapers.upv.es/view>. Acesso em: 9 out. 2025.

MAUSOLEUM. *In*: OXFORD Learner's Dictionaries. Oxford: Oxford University Press, [s. d.]. Disponível em: www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/. Acesso em: 11 maio 2026.

MENEGUELLO, Cristina; PISTORELLO, Daniela. Patrimônios difíceis e ensino de História: uma complexa interação. **História Hoje**, v. 10, n. 19, 2021.

MOTTA, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 71, out. 2009.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. 128 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social – Memória e Patrimônio) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 9 out. 2025.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: ENCICLOPÉDIA Einaudi. v. 1: Memória & História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

RIBEIRO, Diego Lemos; TAVARES, Davi Kiermes; BRAHM, José Paulo Siefert. Entre a vida e a morte: cemitérios, em si próprios, são museus? **Museologia e Patrimônio**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 166-187, fev. 2017.

RIGO, Kate. Pedagogia cemiterial. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS (ABEC), 4., 2010. **Anais [...]**. Piracicaba, 2010.

RODRIGUES, Isis Santana. Educação patrimonial criativa como estratégia de turismo e história local: o Cemitério de Santo Antônio em Vitória/ES. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 1, p. 1-15, 2025.

STEWART, Alison. A menina que morreu duas vezes e outros segredos do cemitério de La Recoleta, na Argentina. **The Sydney Morning Herald**, 19 ago. 2017.

STONE, Philip R. A Dark Tourism Spectrum: towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. **Tourism: An Interdisciplinary International Journal**, v. 54, n. 2, p. 145-160, 2006.

THOMPSON, Barbara. Memória e exaltação da vida no cemitério monumental. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria: UFSM, v. 27, n. 3, p. 89-107, 2014.

TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira (org.). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. 1 arquivo PDF (2 MB). (Cadernos do Patrimônio Cultural, 3).

WIKIMEDIA Commons. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org>. Acesso em: 12 maio 2026.